



Sábado de aleluia marcado por gritos de socorro¹

Nieldson Henrique Avelino de Sousa²

Maria Stella Galvão SANTOS³

Universidade Potiguar, Natal, RN.

RESUMO

A crônica “Sábado de aleluia marcado por gritos de socorro” foi desenvolvida na disciplina de Redação Jornalística, no primeiro semestre de 2012, na Universidade Potiguar, numa estratégia disciplinar que tinha por objetivo desenvolver faculdades textuais nos mais diversos gêneros jornalísticos, mantendo o caráter informativo independentemente do gênero textual proposto ou escolhido. Assim, a partir de uma notícia factual, registrada no interior do estado do Rio Grande do Norte, foi escrito um texto na modalidade de crônica que recorreu a recursos literários, acrescidos de detalhes e minúcias que provocassem identificação do leitor com os personagens envolvidos no fato, evidenciando a crônica não apenas como entretenimento ou crítica, mas claramente como canal de informação.

PALAVRAS CHAVES: Crônica informativa; crônica factual; gênero jornalístico.

INTRODUÇÃO

É de fácil reconhecimento que a crônica no jornalismo está diretamente ligada à narração de histórias com forte detalhamento, emoldurada por crítica, humor, sátira, ironia, retratando personagens, objetos, lugares através dos seus pormenores. Mas, o que sobressai no gênero supracitado é o marcante uso de temas relacionados ao cotidiano, a vida privada e a esfera do comportamento. Um artifício capaz de ampliar a atratividade em notícias factuais e, portanto, as possibilidades informativas. Como destaca Agnes Heller, “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social” (1989, p. 20).

O fato de a crônica utilizar-se da verossimilhança, do tempo ocorrido, da descrição minuciosa, levando ao leitor a sensação de estar presente na história narrada é que lhe atribui a condição de o mais perfeito gênero jornalístico para se transpor a informação, “Há

1 Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo: Crônica.

2 Autor do trabalho, estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo UnP, e-mail: henriqueavel@gmail.com

3 Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo UnP, e-mail: stella@uol.com.br



um tom de conversa, um *tête à tête* entre crônica e leitor, que evoca um clima de afetividade, situando a crônica como uma comunicação de cunho emocional e não racional.” (GOTTARDI, 2007, p.14). Transmite ao leitor não apenas os aspectos objetivos do fato, mas as possíveis sensações, emoções e subjetividades que se mantêm nas entrelinhas de um dado apurado.

A crônica pode, também, prolongar o tempo de vida de uma matéria factual, já que o lirismo e as características de literatura presentes no texto não se perdem com desdobramento do tempo sobre os fatos. Porém, o cronista factual deve atentar sempre para a utilização dos recursos da literatura que ressaltam aspectos da notícia, sem infringir a linguagem próxima do leitor e as bases do *lead* jornalístico, mesmo que o gênero permita total flexibilidade na construção textual.

Assim, nessa mescla de literatura e jornalismo, “situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (MELO, 2002, p.147), é que a atratividade da notícia pode ser ressaltada, garantindo maior durabilidade ao texto. Com jogos de palavras que realçam emoções e linguagem que ressaltam a informação, acrescidos da observação atenta e perspicaz sobre os fatos noticiosos do cotidiano.

2 OBJETIVO

A crônica “Sábado de aleluia marcado por gritos de socorro”, objeto central deste trabalho, teve como finalidade retratar um crime de maneira menos crua, em um exercício prático destinado a dotar os alunos de recursos estilísticos. A alternativa consistiu em impregnar os dados brutos, meramente informativos, com a gama de sensações, emoções e extravasamentos presentes nos personagens e sua circunstância peculiar na cena e ocasião do crime.

Buscou-se ambientar, por meio de imagens metafóricas, o local onde se deu o infausto acontecimento, levando a estrutura da narração policial ficcional para o relato da realidade



sem a perda das informações verídicas colhidas no cenário dantesco da violência que abalou, naquele sábado, uma rua tranquila de uma pequena cidade do Rio Grande do Norte.

3 JUSTIFICATIVA

É razoável afirmar que a crônica do Brasil nasceu junto com seus primeiros registros de terra, já que as cartas de Pero Vaz de Caminha informam ao rei de Portugal o que os compatriotas teriam encontrado na chegada ao Brasil, sempre numa simbiose entre referencialidade e poesia: “suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas que não havia, nisso, nenhuma vergonha” (apud Abdala; Campidelli, 1998, p.10). De maneira lúdica, num jogo com as palavras “vergonhas”, Pero Vaz de Caminha descreve as índias nativas, informando, apesar do forte lirismo, que a ausência de vestes era natural, aceitável, podendo firmar-se como o primeiro registro de crônica em terras brasileiras.

Por se tratar do primeiro gênero jornalístico cunhado em terras brasileiras é que a crônica pode ser dada como a principal modalidade de se fazer comunicação no Brasil, já que esta se enraizou durante a história e se fortaleceu na segunda metade do século XIX, ganhando cada vez mais espaço nos periódicos.

É importante manter a crônica como principal maneira de se enquadrar a notícia nos periódicos do Brasil, sempre atentando para o perfil de quem a lê, já que a crônica não acontece se não dialogar com o repertório pessoal do leitor. Possivelmente trata-se de uma modalidade a ser mais resgatada como meio de resgatar o público leitor dos jornais impressos, já que se trata de uma leitura rápida, informativa e genuinamente literária.

Pode-se dizer que o modo de se fazer crônica utiliza recursos criativos para reinventar fatos e traduzir verdades que a mera reprodução de acontecimentos factuais não poderia expressar de forma tão contundente ou imaginativa. A crônica jornalística é, portanto, espaço privilegiado para a inventividade e a criatividade, como afirma Pereira:

Determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre várias linguagens



que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor. (PEREIRA, 2004, p. 32).

Pode-se dizer que a crônica é genuinamente literária não apenas pelo seu caráter textual, mas por nomes que participaram da concepção da crônica nos periódicos do Brasil como José de Alencar, que escrevia semanalmente para o Correio Mercantil nos anos de 1854 a 1855 sob o título “Ao correr da pena”. Machado de Assis também se iniciou na literatura por meio das crônicas publicadas regularmente nos principais periódicos cariocas.

Fazer esse resgate da literatura cotidiana nos jornais, casando lirismo e informação, é comprovadamente do gosto do leitor brasileiro, no que consiste em transferir a vibração e coragem legitimamente jornalística para as folhas do impresso, tornando-a intimamente próximo ao humano, “por meio de olhares afetivos, carinhosos e amorosos, capazes de, entre piscadelas cúmplices, tecer um texto caloroso que não tem medo de se emaranhar nas teias dos contatos humanos.” (FONSECA, 2004, p.11).

Embora a crônica esteja ligada em sua essência e etimologia ao cotidiano e ao tempo – “a palavra crônica vem do latim *chronica*, que radica no grego *khronos*, ‘tempo’, uma vez que é um texto destinado a registrar o tempo histórico, o momento que passa” (GOTTARDI, 2007, p.11) –, a crônica ultrapassou essa sintaxe, transcendendo o rotineiro e a função meramente informativa. Alcançou, de maneira completa, o feito de noticiar um fato além do observado costumeiramente, impregnando de sentimento, de emotividade e das vozes que ecoam em torno de uma notícia.

(...) o palpite descompromissado do cronista, fazendo da notícia do jornal o seu ponto de partida, que dá ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos nem sempre revelada claramente pelos repórteres ou pelos articulistas. Daí o fascínio que a crônica exerce em relação ao público leitor, constituindo um gênero que permanece cultivado e sempre renovado no Brasil. (MELO, 2002, p. 150)

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS



Assim que os dados da morte de Josefa Graciano Neves, personagem da crônica “Sábado de aleluia marcado por gritos de socorro”, foram levantados, foi notório que a causa da morte transcendia os laudos policiais e técnicos registrados. Havia muito mais a se contar para o leitor que extrapolava o endereço onde o crime se passou, o nome do assassino, a hora, as motivações e os “porquês” implícitos. Havia na morte de Josefa Graciano Neves um discurso de amor e de ódio que fariam com que muitas mulheres encontrassem identificação.

Não seria possível gerar essa identificação no leitor se métodos de descrição minuciosa tivessem sido ignorados atendo-se apenas ao lead e a objetividade da notícia. Foi pela descrição de características da mulher assassinada, do clima que reinava por ocasião de seu assassinato – vinculadas ao grande número de vítimas de violência doméstica – que o texto e os personagens envolvidos ganharam vida e tornaram-se próximos de quem o lia, levando o leitor a comungar não apenas das cenas relatadas mas, também, das emoções, sensações e talvez das dores da personagem.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo teve início na disciplina de Redação Jornalística, quando foi proposto pela professora ministrante a produção de textos dos mais diversos gêneros jornalísticos, lançando o desafio de se utilizar notícias factuais para o desenvolvimento de novos textos em gêneros distintos dos originais. No caso de “Sábado de aleluia marcado por gritos de socorro”, a crônica sendo pensada como extensão ou possibilidade informativa do jornalismo policial.

A iniciativa levou à observação mais sensível e apurada de um crime ocorrido no interior do Estado do Rio Grande do Norte, criando no texto uma narrativa mais emocional, onde as sensações eram o foco central e os dados factuais meros detalhes, ainda que decisivos para conferir critério informativo, no corpo do texto. Ainda que atentos à subjetividade do crime, os fatos possuíam a importância inalienável da notícia, dando-lhe veracidade, verossimilhança e mais proximidade com o texto jornalístico habitual. A ideia consistiu, então, em narrar o fato com riqueza de detalhamento, ambientando a cena do crime,



descrevendo os dramas pessoais dos personagens envolvidos e o histórico do crime de maneira que o resultado final refletisse todo o ocorrido.

6 CONSIDERAÇÕES

No decorrer de sua história, a crônica no jornalismo brasileiro sofreu mutações e assumiu características próprias. Tal como é produzida no Brasil, caracteriza-se por ser uma composição breve publicada em jornais e revistas que, embora associada à atualidade, possui elementos ficcionais. Ela pode, assim, refletir de maneira irônica o imaginário coletivo presente no cotidiano. Não apenas registrar um acontecimento, mas relatar aquilo que o antecede e que se mostra prospecto ao acontecimento. A descrição minuciosa e a enumeração de detalhes implicam na transposição do leitor ao fato e sua circunstância.

Entretanto, essa proximidade entre leitor e personagens ocorre também como consequência do não dito, pelo que não é mencionado, o que está inserido no texto de forma implícita e subjetiva ou afirmado por meio de figuras de linguagens. Essa lacuna é mais um pressuposto do motivador de identificação – é por meio dela que o leitor é impelido a participar da construção do texto, da ideia e das sensações.

Outra questão evidenciada pela Estética da Recepção, ou seja, os “vazios” do texto – os pontos de indeterminação, o não-dito, as entrelinhas, a estrutura de apelo do texto que invoca a participação do receptor, o “leitor implícito” (Iser, 1974) –, concorre para que compreendamos uma característica da crônica: o seu caráter ambíguo, o seu oscilar entre texto jornalístico e literário”. (GOTTARDI, 2007, p.15)

O processo de escrita do cronista é extremamente visceral – antes da concepção textual, o autor dialoga com todos os elementos de maneira intimista, internalizando, muitas vezes, todo o acontecimento para poder externá-lo no texto de maneira mais ampla. O processo de criação se desprende das amarras corriqueiras do jornalismo, incorporando-se a criatividade e da imaginação como combustíveis principais para a escrita.

Em todo processo de construção da crônica, mesmo atendo-se a característica de crônica informativa, o autor tem a liberdade de se desprender dos princípios jornalísticos universais,



sem ater-se aos rigores da imparcialidade, de mostrar versões diversas do fato, de exercitar a liberdade estilística. É na crônica que o jornalista pode transcender de inimagináveis formas, tornando leitor e autor íntimos e co-partícipe da estória.

E mesmo que ocorra a libertação das amarras usuais do jornalismo, as características informativas e noticiosas não se esvaem. É nesse liberalismo que o jornalista evoca novas maneiras de se dialogar com o leitor, mesclando todos os personagens partícipes do projeto. Utilizar-se da crônica como modalidade informativa normativa torna o texto jornalístico atemporal. Em tempos de efemeridade da notícia, de descarte incólume das produções, é voltar à função do jornalismo para aquilo que é valioso, historiar sem perder a perspectiva da riqueza imaginativa e simbólica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FONSECA, A.A. **Cotidianos culturais e outras histórias**: a cidade sob novos olhares. Uberaba: Uniube, 2004.
- GOTTARDI, A.M. **A crônica na mídia impressa**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MELO, J.M. A crônica. In: In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.) **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- PEREIRA, W. **Crônica**: a arte do útil e do fútil. Salvador: Calandra, 2004.